

A REDOMA COMO METÁFORA DO ADOECIMENTO FEMININO EM SYLVIA PLATH: A VIDA E A MORTE DE ESTHER GREENWOOD

Thalia Gabriele Salatiel, Unespar *campus* Apucarana

Karina Fonsaca, Unespar *campus* Apucarana

Introdução

A literatura, de acordo com Antonio Candido (2006), constitui uma linguagem universal e essencial para a formação do ser humano. Mais que um objeto meramente estético, a obra literária constitui-se como uma manifestação social e cultural, que está inserida em um contexto histórico e é capaz de revelar conceitos individuais e coletivos do seu meio. Candido defende que a literatura não é apenas uma reprodução da realidade, mas também age sobre ela, visto que trata de afetos, valores, questionamentos e posicionamentos, exercendo assim um papel humanitário (Candido, 2006, p. 14). Dessa forma, entende-se que o texto literário não deve ser analisado levando-se em conta apenas sua estrutura enquanto unidade autônoma, mas também os fatores externos de sua criação, o autor e suas vivências, o contexto social e cultural da época. Nessa perspectiva, Candido (2006) defende que a literatura nasce de impulsos internos (psicológicos) e condicionantes externos (culturais, históricos e sociais), ou seja, toda obra literária é resultado da ação de três instâncias fundamentais que são entrelaçadas: o artista, a obra literária e o público para o qual a obra é direcionada (Candido, 2006, p. 31). O artista representa a instância individual e psicológica, que é ligada à subjetividade, às experiências sociais e à imaginação. Todavia, o autor não é autônomo nessa criação, visto que é atravessado pelos valores, pelas ideologias e pela cultura de seu tempo. Nesse sentido, a sociedade é a instância externa que fornece, limita e orienta os estímulos da criação literária à medida que oferece temas, discussões, valores e conflitos direcionando a forma como esses elementos são expressos. No texto, materializa-se a fusão entre as motivações pessoais do artista com as influências sociais, tornando assim impossível a separação dessas duas instâncias na análise literária. *A Redoma de Vidro*, romance escrito por Sylvia Plath e publicado em 1963, é uma obra literária marcada pela profunda

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

complexidade psicológica da personagem principal Esther Greenwood, que vive em conflito entre o que esperam que ela seja (bem-sucedida no meio social, familiar e acadêmico), e o que ela realmente é. A metáfora central do livro é a “redoma”, que representa o isolamento social em que a personagem se encontra, como se ela observasse o mundo de fora, sem se sentir inserida nele, tendo assim a sensação de estar desconectada do contexto que a localizava. Nessa perspectiva, pode-se interpretar essa metáfora como uma manifestação simbólica de mecanismos utilizados de defesa, como as angústias, a repressão de desejos e o isolamento social. Compreender como essa sensação de mal-estar participa da construção literária da personagem esteticamente elaborada, tornando interno um elemento exterior da obra, é o objetivo principal deste trabalho.

Materiais e métodos

O presente trabalho segue uma orientação baseada em revisão bibliográfica e análise teórica do material selecionado, bem como a aplicação dos conceitos apresentados a uma leitura crítica da obra *A Redoma de Vidro*, escolhida como *corpus* devido à sua importância para a análise de questões sociais e subjetivas da vivência humana. A pesquisa estrutura-se em uma base teórica que articula os conceitos de Antonio Candido, das interfaces em literatura e subjetividade, e das teorias feministas que tratam das condições das mulheres, a exemplo de Judith Butler, analisando as tensões entre os desejos individuais e as exigências sociais. A metodologia consiste, em primeiro momento, na leitura e análise dos textos selecionados, buscando compreender as referências teóricas que constituem a análise literária. Em seguida, pretende-se desenvolver uma leitura crítica do *corpus* da pesquisa e identificar elementos que evidenciem os conflitos internos, as pressões sociais, as manifestações subjetivas e as expressões simbólicas presentes na obra. A análise, desta forma, será realizada de maneira qualitativa e interpretativa, visando aplicar os conceitos teóricos à observação de fenômenos subjetivos na representação literária, a fim de compreender como o romance de Sylvia Plath reflete experiências individuais e implicações culturais e sociais.

Resultados e Discussão

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

Em *Literatura e Sociedade*, Antonio Candido (2006) defende que a obra deve ser analisada internamente, mas considerando os fatores externos que são transformados em elementos estéticos presentes na obra. Dessa forma, deve-se analisar ambos os aspectos em sincronia, para que haja uma compreensão plena dos traços de uma obra literária. Portanto, essa concepção de Antonio Candido pode ser aplicada em *A Redoma de Vidro*, de Sylvia Plath, visto que o romance traz elementos subjetivos e estéticos em estreita relação com o contexto social e cultural em que a obra foi produzida. A obra, por sua vez, não apenas evidencia a condição psicológica e a intimidade psíquica de Esther Greenwood, que é marcada por frustrações, desejos reprimidos, ânsias e angústias, mas também revela as pressões sociais infligidas às mulheres na década de 1950-60, principalmente as expectativas em relação ao casamento, à maternidade e ao avanço profissional. Essa combinação entre conflitos sociais e íntimos faz da obra de Plath um espaço simbólico em que a experiência da personagem principal, que seria individual, adquira um eco universal, permitindo que o leitor conheça, por meio do texto literário, as dimensões histórica e subjetiva das condições do indivíduo naquele determinado contexto histórico. Segundo a obra organizada por Mary Del Priore (2006), *História das Mulheres no Brasil*, na década de 50, a mulher brasileira vivia sob uma pressão rígida de feminilidade, marcada por uma grande valorização da domesticidade, defendida pelo discurso religioso, social, midiático e moral no contexto pós-guerra. Este contexto, contudo, pode e deve ser estendido à condição das mulheres como as que Plath representa. Simultaneamente, com o avanço da urbanização e o início da industrialização, surgiram novas oportunidades de atuação no mercado profissional direcionadas ao sexo feminino. Contudo, essas oportunidades foram acompanhadas de contradições, julgamentos e culpa, pois a mulher que encontrava-se trabalhando fora ou estudando era vista como dispersa de sua real função social, tornando essa imagem como um instrumento ideológico que moldava a construção dos desejos e pensamentos das e sobre as mulheres. Nesse sentido, a teoria feminista de Judith Butler, apresentada em *Problemas de Gênero* (2018), contribui para compreender as pressões sociais que

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

atravessam a experiência de Greenwood. Butler defende que o gênero não é uma essência natural, mas uma construção social performativa, moldada pela repetição de regras que definem comportamentos considerados adequados para homens e mulheres. As expectativas de feminilidade que recaem sobre Esther, como o casamento, a maternidade, a docilidade e a estabilidade emocional, podem ser compreendidas como dispositivos normativos que regulam o seu corpo e a sua subjetividade. Logo, o adoecimento da personagem não ocorre apenas em conflitos internos, mas também do choque entre o seu desejo individual e as performances de gênero impostas culturalmente. Portanto, a redoma, além de metáfora para a subjetividade da personagem, simboliza o confinamento produzido por normas de gênero que limitam sua autonomia, a colocam diante de escolhas impossíveis e evidencia a crítica implícita de Sylvia Plath ao modelo feminino imposto na década de 1950. Nesse contexto, e tendo em vista as funções da literatura em sua relação com a vida em sociedade, Candido (2006) apresenta três funções essenciais da literatura: a função total, a função social e a função ideológica. A função total diz respeito ao fato de a literatura constituir-se como um fenômeno universal, presente nas sociedades, realizando um papel humanizador à medida que satisfaz necessidades emocionais e imaginativas do indivíduo (Candido, 2006, p. 54). Já a função social diz respeito à maneira como os textos literários circulam nos diferentes contextos históricos, refletindo aspectos coletivos e sociais, transmitindo valores através do tempo e contribuindo para a construção cultural dos sujeitos de determinada comunidade (Candido, 2006, p. 54). Esta, por sua vez, evidencia-se no romance de Plath no que diz respeito à maneira como o texto refere-se às tensões da época, principalmente quanto às expectativas impostas às mulheres, revelando as exigências que limitavam suas escolhas e possibilidades de realização profissional, pessoal e amorosa. Por fim, a função ideológica manifesta-se à proporção em que os textos literários não são neutros, visto que trazem, mesmo que de forma implícita, visões de mundo, valores culturais, sistemas de crenças e posições críticas em relação ao sistema social atual (Candido, 2006, p. 56). Em *A Redoma de Vidro*, essa função fica evidente em dois aspectos principais: na manifestação das

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

contradições norte-americanas da época e na crítica sutil e implícita a um padrão de vida social que sufoca o sujeito, direcionando-se para a opressão de gênero e para os efeitos psicológicos resultantes desse processo. Dessa maneira, ao desempenhar de maneira simultânea essas três funções, a literatura consolida-se como prática simbólica, que combina cultura, ideologia e subjetividade. A compreensão do Eu, limitado e fragmentado pela cultura, ressalta que o ato de renunciar a seus instintos liga-se à ideia de que o indivíduo, ao desenvolver-se dentro da cultura, passa a sentir-se excluído do mundo, como se estivesse separado dele. Isso relaciona-se diretamente à metáfora principal da obra de Plath, que retrata o sentimento de distanciamento do mundo exterior detalhado por Esther. Como consequência das pressões sociais infligidas a ela, sendo indivíduo de meio coletivo, ocorre uma luta interna em que angústias e desejos reprimidos geram sofrimentos psíquicos, levando a uma sensação de despertencimento, adoecimento e frustração: “Para a pessoa dentro da redoma de vidro, vazia e imóvel como um bebê morto, o mundo inteiro é um sonho ruim” (Plath, 2019, p. 266).

Considerações finais

Ao levar em conta a obra *A Redoma de Vidro*, de Sylvia Plath, percebe-se que esses conceitos estão presentes em sua totalidade, o que permite a análise, tanto dos conflitos psíquicos subjetivos de Esther quanto da crítica implícita e discreta às pressões sociais de sua época. Assim, estabelece-se uma articulação entre literatura e sociedade visando o estudo do sujeito e do contexto histórico de maneira articulada e robusta.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

PLATH, Sylvia. **A redoma de vidro**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019.